

O BANCO DA AMAZÔNIA PAROU?

A imagem da situação atual no Banco da Amazônia reflete grandes incertezas, descompassos e paralisia. A diretoria atual, pelo que se percebe de uma forma geral, ainda não foi capaz de apontar um rumo seguro que permita à rede de agências, à matriz da empresa e a cada empregado se integrar de forma confiante e ativa. Dentre as diversas causas do fenômeno estão: a redução da atividade econômica, a redução da força do presidente na diretoria e a implantação desengonçada de projetos ruins. Tudo isso junto está provocando a paralisia na concessão e recuperação de créditos e a redução da capacidade de atendimento dos clientes.

Parece bastante claro que a redução da atividade econômica tem um impacto na demanda por crédito, mas a disponibilidade de crédito do FNO não é demasiado elevada e a região Norte possui elevada demanda real por recursos em razão das dificuldades de fontes financeiras. Não vimos nenhum esforço por parte da diretoria (consultorias ou estudos internos) para construir um diagnóstico da real demanda por crédito na região e alternativas de novas demandas. Se o cenário é difícil o esforço deve ser maior.

Nossa visão é a de que a situação atual de incertezas e paralisia do Banco está mais relacionada com problemas endógenos que exógenos. Entre eles a assimetria de poder na diretoria e a implementação desestruturada de projetos ruins. Já está muito claro que o perfil do atual presidente não condiz com o de um líder

que faz a empresa funcionar no seu cotidiano, mas sim com um perfil de relações públicas e representação diplomática, isso dá aos diretores “da casa” elevado grau de autonomia, como cada diretor goza dessa autonomia elevada e, certamente, trabalham suas articulações políticas, a empresa não se estrutura ao redor de um eixo – projeto. Chegamos ao cúmulo de ouvir de um diretor, no encontro de gestores que: “é normal manipular o risco”.

Soma-se a isso a implantação atrapalhada de projetos ruins, todos padecendo de estudos mais claros e qualificados: centrais de análise, reestruturação da matriz, reestruturação das agências (como decorrência das centrais de análise) e PCCS. Atualmente existem inúmeras dúvidas sobre a qualidade desses projetos e de seus resultados positivos para a lucratividade do Banco. Certeza mesmo apenas sobre seu impacto negativo na vida e na carreira dos empregados. O “clima de reestruturação” esta virando clima de “caça às bruxas” e de “salve-se quem puder”.

Os resultados do Acre apontam para a falência do projeto de centrais e o fechamento de áreas fundamentais como a GPROG e a GEMAF tornam bastante questionáveis o projeto de reestruturação da matriz.

Nesse quadro as soluções possíveis estão todas concentradas no topo. Ou muda-se a diretoria, para assumir um perfil mais dialógico, ou essa diretoria muda de postura. De qualquer forma é preciso reabrir a discussão de rumos.

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DO BANCO DA AMAZÔNIA